I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ETNOMUSICOLOGIA NEGRA

16 a 18 de Junho de 2026

Salvador

Palestra - Do sobreviver ao viver: Hip Hop, Musicoterapia e Etnomusicologia Negra como possibilidades de escuta e cuidado

Rafael Branquinho Abdala Norberto
USP/UFRR
rbanviolao@gmail.com

Bom dia a todas, todos e todes!

Agradeço ao I Encontro Internacional de Etnomusicologia Negra pelo convite e cumprimento minhas colegas de painel, a Profa. Caroline Rodrigues Ferreira e a Profa. Charrise Barron. A minha fala parte de um lugar muito específico: não falo como musicoterapeuta, mas sim como professor do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima, pós-doutorando em Antropologia Social na USP, etnomusicólogo e pesquisador interessado nas relações entre culturais musicais negras, educação, experiência coletiva e produção de cuidado.

Eu dividi a minha fala no que poderíamos nominar de três motivos ou incisos musicais: **o primeiro** realizando uma breve introdução conceitual buscando conectar os campos que constituem a temática deste painel, a saber, Musicoterapia, Etnomusicologia e Estudos Afroamericanos; **o segundo** comentando brevemente as minhas percepções em relação aos encontros virtuais do Ciclo Terapêutico Masani junto a uma turma do curso de Licenciatura em Música da UFRR, na qual eu era o professor responsável; **no terceiro** e último motivo/inciso, a partir da minha proximidade com a cultura Hip Hop, farei uma leitura introdutória do potencial de áreas/campos emergentes, conhecidos por *Rap Therapy* e *Hip Hop Therapy*, momento em que o título da fala aqui sugerido adquirirá referencial teórico, analítico e de possibilidades de intersecção, principalmente entre Hip Hop, Musicoterapia e Etnomusicologia Negra.

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ETNOMUSICOLOGIA NEGRA

16 a 18 de Junho de 2026

Salvador

Inciso 1

Quando colocamos lado a lado Musicoterapia, Etnomusicologia e Estudos Afroamericanos, não estamos apenas aproximando três campos acadêmicos. Estamos perguntando o que a música faz nos corpos e mentes, nas comunidades, nas subjetividades e nas histórias de pessoas negras e racializadas. A Musicoterapia nos ajuda a pensar a experiência musical como cuidado, vínculo, expressão, regulação, elaboração e transformação. A Etnomusicologia nos instiga a perguntar onde, por quem, para quem e em que condições socioculturais essa música acontece. Os Estudos Afroamericanos nos lembram que as músicas negras nas Américas não deveriam, jamais, ser reduzidas a mero repertório ou gênero/estilo musical: elas são, para muito além disso, memória, política, espiritualidade, performance, tecnologia de sobrevivência e linguagem de liberdade.

Inciso 2

Uma turma do curso de Licenciatura em Música da UFRR participou ativamente do Ciclo Terapêutico Masani em 2022. A percepção que tive, como professor de violão e etnomusicólogo, foi que a experiência com o Ciclo teve um efeito pedagógico decisivo entre os alunos: ela deslocou a música do lugar exclusivo de conteúdo disciplinar e a recolocou como mediação de existência. Os estudantes não estavam apenas estudando música; estavam perguntando como se manter inteiros em meio à universidade contemporânea, às pressões da formação, às inseguranças de diversas ordens, às hierarquias do universo artístico/musical, às desigualdades raciais e regionais, e às marcas subjetivas deixadas pelo período pandêmico.

O que me pareceu mais potente nessa experiência foi a criação de um espaço em que a palavra, o silêncio, a escuta e a música deixaram de ser recursos acessórios e passaram a funcionar como estrutura de convivência. A turma pôde perceber –

vivenciando através de outras experiências vividas –, que a formação de um educador musical não é apenas aquisição de competências técnicas para fins de ensino musical, mas, também, é atravessamento afetivo, corporal, social e político. Essa constatação é decisiva para cursos de Licenciatura em Música, especialmente quando lidamos com estudantes que chegam à universidade carregando histórias de deslocamento, desigualdade, racialização, insegurança institucional, insegurança quanto às possibilidades ínfimas de inserção no mundo do trabalho através da música ou da educação musical e, muitas vezes, ausência prévia de espaços qualificados de escuta.

Inciso 3

Se pensarmos o Hip Hop apenas como cultura de rua, perdemos sua força epistemológica. O Hip Hop nasce como prática afrodiaspórica de reorganização da vida em contextos urbanos marcados por abandono estatal, racismo, violência, precarização e disputa por voz pública. O rap, em particular, transforma experiência social em forma poética; transforma trauma em narrativa; transforma silêncio em palavra ritmada; transforma exclusão em presença estética e política.

É por essas e tantas outras questões que a aproximação entre Hip Hop, Musicoterapia e Etnomusicologia Negra me parece tão produtiva. A Musicoterapia pode reconhecer no rap recursos de expressão emocional, composição, escuta, improvisação, análise de letras e construção de vínculo. A Etnomusicologia, por sua vez, impede que esse uso seja descontextualizado, pois lembra que Hip Hop não é apenas ferramenta terapêutica: é cultura, história, movimento, território, linguagem comunitária e forma de crítica social.

Nesse sentido, a *Rap Therapy* e a *Hip Hop Therapy* são estudos de caso estratégicos, pois mostram que a escuta de letras, a composição de rimas, o trabalho com a produção musical de *beats* ou instrumentais, a análise de narrativas e a performance

podem criar espaços de elaboração e pertencimento para jovens, especialmente jovens negros e periféricos. Mas também exigem cuidado: não se trata de instrumentalizar o Hip Hop como técnica neutra. Trata-se de reconhecer sua densidade cultural, política e histórica, para que, deste modo, também possam ser extraídas as suas propriedades terapêuticas.

Seguindo os objetivos que apresentei na introdução da minha fala, citarei e comentarei brevemente, na sequência, três publicações chave para conhecermos um pouco melhor as propostas da *Rap Therapy*, da *Hip Hop Therapy* e da compreensão mais geral sobre os usos terapêuticos do Rap e do Hip Hop.

ELLIGAN, Don. *Rap therapy: a culturally sensitive approach to psychotherapy with young African American men*. Journal of African American Men, v. 5, p. 27-36, 2000. DOI: 10.1007/s12111-000-1002-y.

Texto pioneiro na formulação de *Rap Therapy* como abordagem sensível à cultura de jovens homens afro-americanos. O interesse central está em utilizar o rap como linguagem de comunicação clínica e como ponte para temas de identidade, masculinidade, sofrimento, pertencimento e expressão emocional. Sua principal contribuição se dá, a meu ver, por deslocar o rap da condição de cultura musical, somente, para, também, mediação psicoterapêutica situada.

TYSON, Edgar H. *Hip Hop Therapy: an exploratory study of a rap music intervention with at-risk and delinquent youth*. Journal of Poetry Therapy, v. 15, n. 3, p. 131-144, 2002. DOI: 10.1023/A:1019795911358.

Estudo fundador da formulação *Hip Hop Therapy*. Tyson concebe a intervenção como sinergia entre rap, biblioterapia e Musicoterapia. O desenho metodológico aplicado envolveu pré-teste e pós-teste, com distribuição aleatória de jovens em situação de risco e/ou conflito com a lei em grupo de intervenção e grupo de comparação, no contexto de uma instituição residencial. O estudo teve amostra pequena, portanto, para nós, cientistas,

deve ser lido como estudo exploratório, e não como evidência conclusiva. De todo modo, sem dúvida alguma, esta publicação representa um marco extremamente importante ao que atualmente se reconhece enquanto *Hip Hop Therapy*, ou, em outras palavras, uma linha de atuação da Musicoterapia que trabalha diretamente com a cultura Hip Hop como ferramenta terapêutica.

HADLEY, Susan; YANCY, George (org.). *Therapeutic uses of rap and hip-hop*. New York: Routledge, 2012. DOI: 10.4324/9780203806012.

Coletânea central para o campo. Reúne capítulos sobre fundamentos históricos e teóricos, juventude em risco, detenção juvenil, oncologia, luto, pediatria, reabilitação por álcool e drogas, análise de letras, composição, improvisação e competência cultural. O argumento transversal é que Rap e Hip Hop podem funcionar como linguagens significativas para certos sujeitos e comunidades, desde que não sejam reduzidos a ferramenta neutra nem mobilizados sem competência cultural.

Considerações Finais

Direcionando para a conclusão de minha fala, a partir das experiências envolvendo a observação *in loco* da atuação musicoterapêutica em diversos espaços de cuidado em saúde na cidade de Athens (GA/EUA) – parte da experiência em uma disciplina de Introdução à Musicoterapia (que realizei enquanto estive como pesquisador/aluno visitante no período sanduíche do doutorado, realizado na Escola de Música da Universidade da Georgia) –, da experiência com o Ciclo Masani e das pesquisas com a cultura Hip Hop, eu ousaria afirmar que práticas musicais negras, na contemporaneidade, também operam como tecnologias relacionais de cuidado, para além do que já empenhava, no caso brasileiro, ao menos, por exemplo, nos canaviais e engenhos no período escravocrata, ou nas rodas de samba nas periferias das cidades

brasileiras, que foram surgindo entre o final do século XIX e início do século XX, e assim por diante. Desde àquela época, elas cuidam não porque são naturalmente terapêuticas, mas porque, em determinadas condições coletivas, produzem escuta, pertencimento, narrativa, agência, memória e possibilidade de imaginação, ao menos, da possibilidade de um futuro mais justo, humano, equânime, em outras palavras, um futuro de vivências possíveis, e não somente de sobrevivências. Portanto, na contemporaneidade, com o advento da institucionalização da Musicoterapia, essas mesmas práticas musicais negras, ressignificadas na atualidade, bem como práticas musicais negras contemporâneas, cuidam, mais uma vez, não porque são naturalmente terapêuticas, mas porque, em determinadas condições éticas, coletivas e metodológicas, produzem escuta, pertencimento, narrativa, agência, memória e imaginação de futuros possíveis.

Concluo defendendo que a aproximação entre Musicoterapia e Etnomusicologia Negra não deve apagar as fronteiras profissionais entre os campos, obviamente. Pelo contrário: deve torná-las mais possíveis e responsáveis. A Musicoterapia oferece saberes clínicos, metodológicos e éticos fundamentais, cujo foco é o cuidado, a saúde física e mental das pessoas, e particularmente, neste caso que estamos abordando, das pessoas negras. Complementarmente, a Etnomusicologia Negra oferece uma escuta histórica, racial, estética e comunitária sem a qual o cuidado pode se tornar descontextualizado e, portanto, ineficaz ou ineficiente. Entre ambas, a Musicoterapia e a Etnomusicologia Negra, aparece o Hip Hop como uma prática cultural afroamericana de potência inestimável: música, palavra, corpo, denúncia e reinvenção da vida; reinvenção da vida, e... por que não? Ferramenta potente de cuidado em saúde!!!???!!!

Muito obrigado!!!